

“A ciência do comum”: a casa vazia do tabuleiro de xadrez das ciências sociais

“The common science”: the vacant square on the social science chessboard

“La ciencia del común”: la casilla vacía en el tablero de ajedrez de las ciencias sociales

Clara B. Câmara | clarabcamara@gmail.com

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Niterói, RJ, Brasil.

Janaine S. Freires Aires | janaineaires@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro. RJ, Brasil.

Sodré M. *A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional*. 1ª Edição. Petrópolis/RJ: Vozes; 2014.



Palavras-chave: Teoria da comunicação; Epistemologia; Sociedade da informação; Tecnologia; Aspectos sociais.

Contribuição dos autores: Os autores participaram, igualmente, de todas as etapas de elaboração do artigo.

Declaração de conflito de interesses: Os autores declaram que não há quaisquer conflitos de interesse.

Fontes de financiamento: Fundação Ford.

Histórico do artigo: Submetido 11.mai.2015 | Aceito 13.mai.2015 | Publicado 30.jun.2015.

Licença: CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciiis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores

Por que responder à simples pergunta “o que é a comunicação?” é um grande desafio até mesmo para teóricos experientes? Tal constatação sobre a comunicação causa um estranhamento momentâneo; no entanto, a dificuldade de elaborar sobre ela uma definição aponta para singularidades do campo. O que por um lado pode significar um grande obstáculo, por outro pode representar a força criativa da área. Os motivos e as alternativas para superar esse paradoxo são múltiplos e estão no centro do argumento do livro *A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional*¹, de Muniz Sodré, lançado em novembro de 2014.

A obra é uma contribuição para o preenchimento das lacunas que se revelam através desse paradoxo. Estruturado em três capítulos (“Uma ciência pós-disciplinar”, “A inteligibilidade redescritiva” e “A organização do comum”), o livro conduz o leitor pelo emaranhado de perspectivas que pensam a comunicação e se alinham em busca da lapidação de seu objeto. Sodré apresenta as razões para essas peculiaridades, os entrelaçamentos com outras áreas do conhecimento e, por fim, indica possíveis caminhos para, em última instância, alcançarmos o fortalecimento do campo da comunicação.

A principal questão que se coloca é que, apesar da sua centralidade na contemporaneidade, a comunicação, como ciência, ainda busca uma “questão” para chamar de sua. Todavia, a problemática é bem mais complexa e não se resume somente à área. O “não reconhecimento” do lugar científico da comunicação indica, para Sodré, certa dificuldade de compreensão, das ciências humanas e sociais, da nova inteligibilidade que caracteriza a sociedade. Essa questão é traduzida no conceito de “*bios virtual*”, detalhado em *Antropológica do espelho*², obra essencial de Sodré, publicada em 2002. As relações sociais, para o autor, são articuladas sob novas formas de saber e sentir. Tem-se, portanto, uma nova qualificação da vida: um novo *bios* e um novo *ethos* que implicam também uma forma diferenciada de compreender a comunicação.

Nós, humanos, somos comunicantes. Isto, segundo o autor, quer dizer mais do que a capacidade de falar ou transmitir uma mensagem. Somos comunicantes, pois nos relacionamos e nos organizamos através de mediações simbólicas partilhadas a partir do comum. A comunicação, portanto, nos atravessa. Assim, “a ciência do comum” deve ocupar espaço-chave para a compreensão da sociedade.

O desafio pode parecer somente epistemológico e, de certa forma, superável a partir do reconhecimento de sua natureza e validade como conhecimento. Porém, a disputa é também deontológica. Afinal, cabe apontar as intenções, as ações, os deveres e os princípios que estruturam a comunicação como ciência.

Para encarar essa missão, que não é nova, o primeiro capítulo do livro é dedicado inteiramente a discutir a falta de caracterização firme no campo da comunicação. Passeando pelas principais abordagens teóricas, Sodré aponta as diversas tentativas de superar a problemática. Em *A comunicação do grotesco*³, publicado em 1972, o autor classificou como problemático o hábito de transplantar culturalmente teorias e conceitos.

Mais recentemente, argumentará em *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*⁴, lançado em 2006, sobre a necessidade de romper com o contencioso que coloca em lados opostos e conflitantes a razão e a emoção.

Nesse sentido, em *A ciência do comum*, Sodré contextualiza sua discussão destacando as caracteriza es desenvolvidas pelos pioneiros, com ênfase no processo automatizado e mecanicista de troca de informa es, e passando também por abordagens funcionalistas, estruturalistas, críticas e culturalistas, que o campo da comunica o recebeu ao longo dos tempos. Tudo isso, sem se esquecer de que as contribui es sociológicas, antropológicas, filosóficas, históricas e matemáticas também foram fundamentais.

Percebe-se, dessa forma, que todo esse empenho, apesar de fazer surgir análises e considera es que estilizaram e fortaleceram os estudos de comunica o, também ampliaram o alcance dos questionamentos. Como aponta Sodré, essa multidisciplinaridade e sua conseqüente abertura metodológica não resolvem o problema do saber comunicacional. De acordo com o autor: *Em alguns f rums acad micos, costuma-se contornar a dificuldade com o argumento de que a comunica o não   uma disciplina, e sim um objeto interdisciplinar, que mobilizaria nada menos de dez disciplinas: filosofia, linguística, antropologia, sociologia, direito, ciência política, psicologia, história, economia e psicossociologia.*¹

Apesar de todas essas influências, Sodré reconhece que, em rela o ao desenvolvimento acad mico da comunica o, há uma predominância do olhar sociológico nos debates do campo. Essa soberania da sociologia, ao contrário do que se poderia pensar, não soluciona o problema das imprecisões que circundam os estudos comunicacionais. Como reforça Sodré, “estudam-se, de um lado, as modalidades institucionais dos fen menos sociais e, de outro, o funcionamento da m dia [...] Sob esse princípio, os fatos sociais não têm uma ontologia própria, exterior   sua reprodu o midiática.”¹

Nesse contexto, o cerne das ciências da comunica o está na rearticula o de problemas, com o objetivo político de reorientar a consciência dos sujeitos às violências da globaliza o. A sociologia aplica uma visão funcionalista a tudo isso, e torna a comunica o um objeto parasitário. A comunica o, conforme já destacamos, para Sodré, diz respeito a outro sistema de inteligibilidade social que a sociologia ainda não   capaz enxergar.

Caminhando nas discussões, no capítulo 2, intitulado “A inteligibilidade redescritiva”, o autor trata das razões para justificar a não constitui o de um campo epistemológico próprio da comunica o. Se, de um lado, Sodré indica a impossibilidade de se pensar em uma crise  tica hoje, pela falta de espaço que a  tica teria em um mundo dominado pelo interesse e preocupa o com o capital; por outro, há também a linha explicativa que destaca a fraqueza que envolve o ensino da comunica o no país. Segundo ele, o campo comunicacional, através dos cursos de p s-gradua o e gradua o, “consegue recrutar estudantes e emitir diplomas, sem cogitar a busca de uma soluço totalizante para problemas teóricos e históricos atinentes   comunica o.”¹

Assim, a comunica o não ocupa seu lugar no tabuleiro das ciências sociais e nem conquista permissão. Muito desse “acanhamento” pode ser explicado pelo fato de que o campo da comunica o acaba sendo gerido concomitantemente ao surgimento dos cursos de comunica o e, diante disso, ainda temos de acrescentar o papel do Ditadura Militar nesse processo, estimulando a separa o do curso de comunica o das ciências sociais. Como resultado, a comunica o passa a ser percebida mais sob a  tica da organiza o empresarial do que pela  tica da institui o. Aponta-se, assim, este momento como g nese da limita o do campo. Há uma dispersão cognitiva, diante da qual a universidade tem papel fundamental: atuar como um centro de gravidade para não dispersar práticas.

Um outro obstáculo a superar   a falta de cânones e objetivos comuns e a fragilidade das pesquisas, tanto na defini o metodológica quanto no diálogo com pesquisas já desenvolvidas. Além disso, há ainda de se lidar com a confusão que iguala a comunica o   m dia. Diante disso, Sodré defende que são diferentes, tendo em vista que, enquanto a m dia neutraliza as tensões do comum, a comunica o não se d  sem o

conflito. Esse panorama acadêmico não resulta no reconhecimento da área como científica, nem mesmo entre seus pares nas ciências sociais.

O reconhecimento da “ciência do comum” aponta, sobretudo, para o fato de que há um caminho de pensar o social que não é substancialista. Em uma conjuntura de midiaticização da sociedade, isto é, do atravessamento do campo midiático nos demais campos sociais, é problemático tentar separar a comunicação dos fatos sociais. A sociedade é mídia e o acontecer sociocultural também se sucede através dela. A midiaticização, nesse contexto, é a chave dos estudos sociológicos.

A proposta que se apresenta lança à sociologia a necessidade de reencontrar-se também com suas próprias questões. Uma delas é o fator tempo, que na sociologia não corresponde ao tempo comunicacional. Diante disso, há consequências epistemológicas importantes e até então não enfrentadas. Com as novas tecnologias, a realidade não é espessa, os efeitos da simultaneidade, da instantaneidade e da globalidade são caros à nossa época.

O significado disso tudo é que o futuro está sempre caindo em cima de nós e não há tempo para especular, o presente é sempre passado. As implicações desta realidade são importantes para as ciências sociais: os acontecimentos, na atual velocidade, estão à frente de serem interpretados. Infere-se ainda que, em uma sociedade midiaticizada, a tecnologia participa ativamente no processo de conhecimento.

Cabe destaque para o alerta. Sodré acredita que há ainda, nas ciências sociais, um fascínio exagerado centralizado na atividade midiática e nas proezas da computa o. O que, de certa forma, decorre da prática ideológica que dedica   inova o em si mesma um poder mágico e soberano de solucionar problemas, independentemente das condi o es humanas e sociais. Além disso, para ele, o conceito de midiaticiza o também não põe fim ao problema epistemológico aqui apresentado. Isso significa que, para Muniz Sodré, esse   um conceito que “não garante a cientificidade de seu estatuto de conhecimento – e, no entanto,   por excelência o objeto dos estudos de m dia, precisamente por sustentar a hipótese de uma muta o sociocultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunica o.”¹

A tecnologia que altera a natureza   diferente da tecnologia que regulamenta as rela o es homem-natureza.   preciso desacompanhar a perspectiva que compreende que, com as tecnologias, a força simbólica se esvazia com a força da técnica. Por isso, Sodré pontua que, muito embora introduzam novas variáveis técnicas, econ micas e políticas, as transforma o es tecnológicas da informa o apresentam-se francamente conservadoras das velhas estruturas de poder.¹

Depois de expor as quest o es pendentes da constru o de um campo próprio da comunica o, Sodré analisa no terceiro capítulo, “A organiza o do comum”, quais seriam as estratégias para amenizar as lacunas e imprecis o es. Pode-se interpretar esse capítulo, especialmente, como um esforço para esclarecer os entraves epistemológicos que circundam o campo, mas também como um incentivo para, juntos, pensarmos em solu o es.

O desafio   claro: temos uma nova plataforma interpretativa que exige um novo pensar comunicacional. Neste sentido, Sodré afirma que [...] *uma perspectiva constitutiva para o método comunicacional conduz primeiramente ao problema do comum e logo em seguida ao das especificidades do modo próprio de inteligibilidade do processo de produ o de sentido e de discursos sociais. Isso redundando na tática metodológica de tratar a comunica o como um objeto conceitual capaz de se desdobrar operativamente em níveis que designamos como “1. Sodré M. A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional. 1  Edi o. Petrópolis, RJ: Vozes; 2014.”. relacional, 2. vinculativo e 3. crítico-cognitivo ou metacr tico.*¹

Assim, a comunicação é o *bios*, é o comum, o vínculo, é a ciência da redescritção: da relação dos homens com as novas tecnologias, somente possível através do empenho ético, político e antropológico de autoquestionar-se. A principal contribuição da obra *A ciência do comum* talvez seja nos ajudar a perceber que falta somar à ciência a capacidade de lidar com o inapreensível, com o não quantificável, com o mergulho no imaginário. Há coisas que são irredutíveis aos modos comuns de pensar, a comunicação é uma delas.

Referências

1. Sodré M. A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional. 1ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes; 2014.
2. Sodré M. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes; 2002
3. Sodré M. A comunicação do grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. 10ª Edição. Petrópolis: Vozes; 1972.
4. Sodré M. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. 1ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes; 2006.